

## **A experiência construída e construtora: enquadramento jornalístico do “dia do fogo” na Amazônia**

---

### **The constructed and constructive experience: journalistic framing of the “day of fire” in the Amazon**

---

*Thaís Braga*

*Sandra Marinho*

**Resumo:** *Objetiva-se identificar quais foram os quadros de sentido (frames) construídos pelo discurso jornalístico sobre o “dia do fogo” na Amazônia, bem como compreender de que maneira a experiência dos jornalistas contribuiu para o processo de enquadramento (framing). Com base em Goffman (1974), entende-se que os quadros de sentido são os elementos básicos que os indivíduos conseguem identificar. A análise incidu em 121 textos publicados pelos jornais Folha de S.Paulo (Brasil) e Público (Portugal). Os resultados mostraram que, em ambos os periódicos, foram construídos quadros de conflito, de responsabilidade, de interesse humano e de consequências econômicas. Ainda que, do ponto de vista editorial, o caso tenha sido tratado de forma “nacional” pela Folha de S. Paulo e de forma “internacional” pelo Público, os dois (estrangeiros à sua forma) evidenciaram as faltas do presidente Jair Bolsonaro na resolução do problema ambiental.*

**Palavras-chave:** *Construção jornalística; Análise de enquadramento; Amazônia; Folha de S.Paulo; Público.*

**Abstract:** *The article aims to identify which frames were constructed by the journalistic discourse about the “day of fire” in the Amazon, as well as to understand how the journalists’ experience added to the framing. Based on Goffman*

(1974), it is understood that frames are the basic elements that individuals can identify. The analysis focused on 121 texts published by the newspapers *Folha de S. Paulo* (Brazil) and *Público* (Portugal). The results showed that both constructed frames of conflict, responsibility, human interest, and economic consequences. Even though, from an editorial point of view, the case was handled in a “national” way by *Folha de S. Paulo* and in an “international” way by *Público*, both (foreign in their own way) highlighted the faults of President Jair Bolsonaro in solving the environmental problem.

**Keywords:** *Journlistic construction; Framing analysis; Amazon; Folha de S. Paulo; Público.*

## Introdução

Em agosto de 2019, imagens da Amazônia em chamas circularam na sociedade luso-brasileira. Diferente dos incêndios florestais de Pedrógão Grande, em Portugal (2017), ou da temporada de incêndios na Austrália (2019-2020), o caráter intencional da queima e o aparente incentivo do presidente Jair Bolsonaro (2019-2022) ao desmatamento na Amazônia particularizam o caso – denominado como o “dia do fogo” (MAISON-NAVE, 2019). A partir do discurso jornalístico, pretende-se identificar e discutir o processo de construção dos quadros de sentido (*frames*) acerca do “dia do fogo”, bem como compreender de que maneira a experiência dos jornalistas contribuiu para o enquadramento (*framing*).

Em diálogo com Goffman (1974), percebe-se que os quadros de sentido são um tipo de moldura que reveste os diferentes objetos e práticas, encaixando-os numa estrutura ordenada. Dessa forma, os quadros do sentido determinam a razoabilidade dos enunciados e dos processos comunicativos. Em decorrência do seu poder comunicativo, o discurso jornalístico permite examinar não apenas as práticas e as rotinas da produção de notícias, mas também a relação entre o jornalismo e a sociedade, além das forças que atuam nessa relação (CARLSON *et al.*, 2018). Por isso, de maneira ampliada, interessa aqui perceber a visão da sociedade luso-brasileira sobre a Amazônia, considerando os interesses que perpassam este entendimento.

Partimos da noção de que determinado acontecimento público (que será objeto de atenção por parte do público) resulta de uma construção discursiva por parte dos *media*. O processo ocorre por via de uma “rede operacional” (HILGARTNER; BOSK, 1988, cit. por NEVEU *et al.*, 1997), entendida como “o meio através do qual os ‘problemas’ conseguem aceder aos *media* e à consagração do estatuto social do acontecimento [que está na origem do problema]”. Isto implica a existência de “interrelações mais ou menos institucionalizadas entre os especialistas em determinado tipo de problema (saúde, ambiente etc.) dentro de diferentes arenas sociais (jornalismo, governo, associações, empresas etc.)” (NEVEU *et al.*, 1997). Assim, mais do que discutir a produção de

quadros de sentido a partir de um “acontecimento”, vamos discuti-la a partir de um “problema público”.

Esta perspectiva articula-se, a nosso ver, com a ideia da notícia “como uma entidade inerentemente dinâmica, moldada num ambiente social” (PAUL; BERKOWITZ, 2019). Portanto, “a formação e vivência pessoal de um jornalista, a organização do local de trabalho e as interações com a sociedade em geral durante um período de tempo afetam a construção das notícias” (PAUL; BERKOWITZ, 2019).

Optou-se pela análise do “dia do fogo” por meio dos jornais *Folha de S.Paulo* (Brasil) e *Público* (Portugal). Apesar dos seus diferentes contextos sócio-históricos e político-institucionais, ambos afirmam ser comprometidos com a democracia, o Estado de direito e os direitos humanos (CARVALHO; DÁVILA, 2020). Além disso, os dois periódicos são referência no segmento de publicações diárias em seus respectivos países, logo a sua produção discursiva fornece pistas sobre a sociedade luso-brasileira.

O artigo inicia-se com um posicionamento teórico-experimental acerca do processo de enquadramento. Em seguida, explicam-se os procedimentos metodológicos e, por fim, apresentam-se e discutem-se os resultados do trabalho. Para os estudos de *media* e jornalismo, a contribuição efetiva da análise aqui desenvolvida consiste em explicitar as etapas para a análise discursiva. É válida a crítica de que os métodos para se encontrar os quadros de sentido são ilusórios, uma vez que se referem a um conjunto de abordagens de natureza dedutiva (VLIEGENTHART; VAN ZOONEN, 2011). No entanto, inova-se ao examinar a construção das notícias considerando os interesses que atravessam as práticas e rotinas jornalísticas, bem como a experiência dos profissionais envolvidos no caso.

Outrossim, o enquadramento dá indícios sobre as transformações pelas quais passam os jornais tradicionalmente produtores de edições impressas, bem como suas estratégias de produção noticiosa – sobretudo diante dos *media* digitais. Apesar do “dia do fogo” ter sido discutido em trabalhos anteriores, por meio da análise de enquadramento é possível

adicionar outra camada de compreensão ao caso, dado que a Amazônia tem importância estratégica no freio às alterações climáticas, sendo alvo de disputa simbólica internacional.

### **Os quadros de sentido e o enquadramento: um percurso teórico-experimental**

Na literatura sociológica, a concepção de enquadramento faz fortes suposições sobre os processos cognitivos individuais, ou seja, a estruturação de representações cognitivas e a orientação teórica do processamento de informações (PAN; KOSICKI, 1993). Este entendimento é útil às Ciências da Comunicação, dado que ajuda a compreender de que maneira as pessoas interpretam suas experiências de vida e dão sentido ao mundo que as cerca (SCHEUFELE; TEWKSBURY, 2007).

É recorrente a definição de França (2002) para experiência – palavra que, etimologicamente, vem do latim (do substantivo *experientia* e do verbo *experire*). Segundo a autora, o sentido de experiência ressalta a natureza da prática, da ação e da vivência, isto é, uma prática desenvolvida por alguém, por uma pessoa que está no mundo, que experimenta o mundo, que o vivencia por meio dos sentidos. O processo ocorre não apenas a partir de estruturas cognitivas, mas também por meio de um conhecimento prévio, de referências – aquilo que Goffman (1974) chamou de quadros de sentido, isto é, a elaboração de situações de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos sociais e o envolvimento subjetivo neles; os elementos básicos que se consegue identificar; a organização da experiência.

Na definição do sociólogo, a fim de processar eficientemente novas informações, os indivíduos aplicam esquemas primários para classificá-las e interpretá-las de maneira significativa. Os esquemas primários de determinado grupo social são os elementos centrais da cultura. Em outras palavras, são suas crenças, sua “cosmologia”. Qualquer situação que não seja administrada com base neste estoque tradicional provocará uma

agitação pública. Desta forma, a linguagem torna-se o lugar de realização da experiência.

A partir de Entman (1993), os quadros de sentido passam a ser vistos como uma ideia central que subjaz e orienta a construção de textos e, em suma, a construção discursiva da realidade. Para o autor, o enquadramento envolve a seleção de alguns aspectos de uma realidade percebida para, em seguida, tornar estes aspectos mais salientes em um texto de comunicação. Isto significa tornar uma informação mais perceptível, significativa ou memorável para o público a fim de promover a definição de um problema específico, o diagnóstico da sua causa, sua avaliação moral e/ou a recomendação de soluções.

Os jornalistas utilizam o seu repertório de quadros de sentido para construir uma notícia, portanto fatores organizacionais, condições externas e fontes jornalísticas podem influenciar a seleção de um quadro (VAN GORP, 2010). Cada quadro reconstruído é apresentado por um pacote de quadros (*frame package*), ou seja, por uma estrutura integrada de dispositivos de enquadramento. Assim, uma cadeia lógica de dispositivos de raciocínio demonstra como o quadro representa determinado problema.

São exemplos de dispositivos de enquadramento metáforas, situações históricas das quais as lições são tiradas, bordões, representações e imagens visuais, temas e subtemas, tipos de atores, ações e configurações, linhas de raciocínio e conexões causais, contrastes, escolhas lexicais, fontes de informação, quantificações e estatísticas, tabelas e gráficos, e apelos (emocionais, lógicos e ética). Coleman (2010) acrescenta que as mensagens visuais (fotografias, imagens em movimento, mapas, gráficos, desenhos e cores) e as mensagens verbais (textos) ocorrem juntas nos *media* e o público as processa simultaneamente. Por isso, o enquadramento também se refere à seleção de uma vista, cena ou ângulo ao fazer a imagem, recortá-la, editá-la ou selecioná-la.

De Vreese (2005) afirma que a potencialidade do enquadramento reside na compreensão de como os quadros de sentido emergem (ou são construídos) e na definição desses quadros (a interação entre os quadros

mediáticos e as predisposições de audiência). Em geral, nas Ciências da Comunicação, as análises de enquadramento (*framing analysis*) adotam duas perspectivas: a dos meios de comunicação social (*media frames*) e/ou a do público/da audiência (*audience frames*). É possível, de acordo com Scheufele (1999), englobar duas dimensões: entre níveis (*between-level*), que definem o enquadramento mediático em um nível macroscópico e o enquadramento da audiência em um nível microscópico, conjecturando potenciais relações entre eles; e dentro do nível (*within-level*), conceituando o enquadramento mediático e o enquadramento da audiência separadamente como variáveis independentes e dependentes. Amiúde, são examinados um desses três processos:

- a construção dos quadros de sentido (*frame-building*), que evidencia os fatores que interferem na qualidade estrutural das notícias, a exemplo das normas e valores sociais, constrangimentos e pressões organizacionais, pressões dos grupos de interesse, rotinas jornalísticas e orientações político-ideológicas dos jornalistas;
- a configuração dos quadros de sentido (*frame-setting*), que se refere à interação entre o enquadramento mediático (variável independente) e conhecimento prévio e predisposições dos indivíduos (variável dependente), admitindo que o enquadramento das notícias pode afetar o aprendizado, a interpretação e a avaliação de problemas e eventos;
- as consequências do enquadramento em nível individual (*individual-level consequences of framing*), que podem ser observadas na alteração da atitude de um sujeito acerca de um problema, quando exposto a determinado enquadramento mediático.

Consoante à questão que orienta este artigo, que se encaixa na perspectiva do enquadramento mediático, limitar-se-á a observar e a analisar a construção dos quadros de sentido sobre o “dia do fogo” na Amazônia a fim de perceber o entendimento da sociedade luso-brasileira sobre o caso, bem como os interesses subjacentes a esta visão.

## Procedimentos metodológicos

Estudos de caso são pesquisas em profundidade, de caráter comparativo, em que deve ser possível captar outros elementos do contexto maior, sem necessariamente ser representativo dele (OROZCO; GONZÁLEZ, 2012). Neste trabalho, admite-se que o “dia do fogo” representa um caso, ilustrativo da produção jornalística sobre um problema ambiental, que é o desmatamento da maior floresta tropical do mundo, de dimensão transnacional. Ainda que não seja possível produzir generalizações, espera-se encontrar pistas sobre as relações de poder que atravessam a construção social do bioma.

Justifica-se a escolha dos jornais *Folha de S.Paulo* e *Público*, porque se entende que a Amazônia representa o outro que está distante física e temporalmente não apenas da Europa e da América Latina, mas também dos centros político-econômicos do Brasil. Em Paes Loureiro (1995), percebe-se que a dificuldade de acesso à Amazônia, imposta pelos rios e pela floresta, consolidou suas duas principais características sociais, que são o isolamento e a identidade (dada a predominância de povos indígenas e caboclos). Por isso, admite-se que os dois periódicos caracterizam um olhar estrangeiro.

Por meio de um processo de amostragem não probabilística por casos típicos<sup>1</sup>, selecionaram-se os textos jornalísticos sobre o “dia do fogo” publicados nos sites dos jornais *Folha de S.Paulo* e *Público* entre agosto de 2019 e outubro de 2020, o que permitiu a constituição de um *corpus* com 60 textos do jornal brasileiro e 61 textos do jornal português. Aplicou-se uma grade de análise, que permitiu identificar os jornalistas que produziram textos sobre o caso em estudo. A partir de então, constituiu-se uma amostra de entrevistados<sup>2</sup>: o jornalista Phillippe Watanabe e o secretário de redação Vinícius Mota, da *Folha de S.Paulo*; o jorna-

- 1 Importante não confundir que o “dia do fogo” caracteriza-se como estudo de caso, pois representa uma realidade, e que os jornais *Folha de S.Paulo* e *Público* são casos típicos da produção jornalística, visto que permitem analisar este caso.
- 2 O conteúdo dessas entrevistas não foi objeto de análise de conteúdo. As informações prestadas pelos jornalistas foram úteis, porque ajudaram a elucidar o processo de construção do discurso jornalístico e, consequentemente, dos enquadramentos. Por isso é que primeiro se analisaram as notícias e, depois, se fizeram as entrevistas.



lista Ricardo Cabral Fernandes e o professor universitário e jornalista Joaquim Fidalgo, que prestaram informações sobre o *Público*. Com os quatro entrevistados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas em profundidade por *Skype* (em decorrência das limitações impostas pela pandemia de covid-19). Como técnica de recolha de dados, esse tipo de entrevista permite compreender a realidade social por meio dos discursos, considerando um tempo e um contexto sócio-histórico específicos (FRASER; GONDIM, 2004).

Para operacionalizar a análise de enquadramento, seguiram-se as indicações de Linström e Marais (2012), que começam pela seleção dedutiva da tipologia dos quadros seguida de descrições precisas que especificam os fenômenos de interesse. Os resultados foram reunidos após duas leituras dos textos jornalísticos (a primeira leitura para descrever suas características discursivas, conforme a grade de análise; a segunda, para identificar os quadros de sentido).

### **Os enquadramentos sobre o “dia do fogo” na Amazônia: resultados**

Neste estudo de caso, apoiado em Valkenburg *et al.* (1999), reconheceram-se quatro tipos de quadros de sentido nos textos jornalísticos sobre o “dia do fogo” na Amazônia:

- quadros de conflito, que enfatizaram as disputas de poder e de sentido entre pessoas ou instituições envolvidas no “dia do fogo”;
- quadros de interesse humano, que apresentaram um ângulo emocional ou humanizado acerca dos incêndios florestais na Amazônia, de forma a personalizar ou dramatizar as notícias;
- quadros de responsabilidade, que evidenciaram a culpa ou a negligência de pessoas ou instituições em relação ao “dia do fogo”;
- quadros de consequências econômicas, que discutiram os prejuízos que o Brasil e o mundo poderiam sofrer caso a floresta amazônica seguisse em ritmo de destruição.

Na *Folha de S.Paulo*, os quadros de conflito apresentaram diferentes pontos de vista sobre o “dia do fogo”. Segundo os responsáveis pelos incêndios florestais (“madeireiros, fazendeiros e empresários”), a iniciativa de incendiar parte da floresta amazônica num único dia era uma forma de mostrar ao presidente Jair Bolsonaro que “queriam trabalhar”. O confronto discursivo estabeleceu-se quando esta perspectiva foi questionada por cientistas. Os quadros de conflito tornaram-se mais complexos quando incorporaram as acusações do presidente Jair Bolsonaro e de seus apoiadores: de que organizações não governamentais (ONG), povos indígenas e pequenos produtores eram os verdadeiros responsáveis pelo fogo na floresta; de que os incêndios eram naturais, em decorrência do “clima seco”<sup>3</sup> da Amazônia; de que o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) havia divulgado dados falsos sobre o desmatamento na Amazônia com o objetivo de prejudicar a imagem do governo; e de que os estrangeiros tinham “interesses escusos” na Amazônia – esta última acusação resultou das críticas feitas sobretudo pelo presidente francês Emmanuel Macron e pelo ator estadunidense Leonardo DiCaprio.

Os quadros de responsabilidade evidenciaram o aumento no número de focos de incêndio na Amazônia, bem como mostraram que os órgãos de fiscalização ambiental – os institutos Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) – foram fragilizados desde o início do governo Bolsonaro. Isso impossibilitou a coibição dos supostos crimes ambientais e a responsabilização dos envolvidos. Outrossim, a invocação à Garantia da Lei e da Ordem (GLO), prevista na Constituição Brasileira, e a moratória do fogo, como ficou conhecido o decreto presidencial n° 9.992/2019, que proibiu o uso do fogo na Amazônia Legal durante 60 dias, foram as respostas do presidente Jair Bolsonaro ao “dia do fogo”. No entanto, as ações foram tomadas tardiamente, apenas

3 É importante destacar o equívoco da acusação do presidente Jair Bolsonaro, pois o clima na Amazônia é quente e úmido, logo, favorável ao crescimento da densa vegetação e à diversidade de espécies (BECKER, 1996). Há diferentes tipos de fogo na Amazônia, porém os incêndios em terras previamente desmatadas fornecem muitas das fontes de ignição para a queima florestal. As alterações climáticas tornam as florestas mais quentes e secas, o que aumenta a probabilidade de sustentar incêndios descontrolados (BARLOW *et al.*, 2020).

no final do mês de agosto. Alinhado à postura presidencial, o então ministro da justiça e segurança pública do Brasil, Sérgio Moro, determinou a investigação do caso pelas instituições brasileiras.

Já os quadros de interesse humano evidenciaram que artistas brasileiros e internacionais chamaram a atenção para os incêndios florestais na Amazônia por meio dos *media* sociais *Twitter* (atualmente, *X*) e *Instagram* (ainda que, em alguns casos, as imagens publicadas não se referissem verdadeiramente ao “dia do fogo”). As métricas do *Google* e do *Twitter* corroboraram o interesse de usuários do Brasil e do mundo no caso. Ainda neste enquadramento, destacaram-se como os incêndios na Amazônia afetaram os rituais da aldeia Japuíra do povo myky, na Terra Indígena Menku, em Brasnorte, no estado do Mato Grosso; bem como a vida do jornalista Adécio Piran, que precisou deixar a cidade de Novo Progresso, no Pará. Piran havia antecipado as intenções dos agropecuaristas envolvidos no “dia do fogo” por meio do jornal *Folha do Progresso*. Em decorrência disso, sofreu ameaças.

Por fim, os quadros de consequências econômicas destacaram que os incêndios florestais prejudicaram o setor de hotéis de selva na Amazônia. Também, que a suspensão dos repasses para o Fundo Amazônia, pela Alemanha e pela Noruega, dificultava a continuidade das políticas de conservação ambiental. Percebeu-se a cobrança dos investidores estrangeiros para que o governo federal combatesse os crimes ambientais e, em especial, o desmatamento na Amazônia. Identificou-se ainda o ponto de vista do governo Bolsonaro, defendido pelo então ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, de que era preciso “desenvolver” as terras indígenas e, assim, garantir “melhores condições de vida” àquela população. Para tal, era necessário regulamentar a atividade mineradora em terras indígenas no estado do Amazonas.

Figura 1 – Enquadramentos sobre o “dia do fogo” produzidos pela *Folha de S.Paulo*.



Fonte: Elaboração própria.

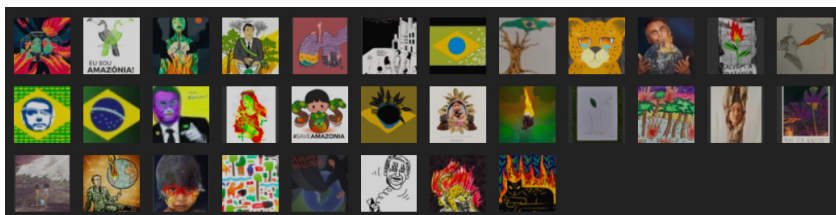
No *Público*, os quadros de conflito enfatizaram a ideia de que os incêndios se propagavam pela floresta amazônica sem controle algum pelo governo brasileiro. O confronto discursivo estabeleceu-se pela divergência entre os presidentes francês e brasileiro, Macron e Bolsonaro. O primeiro articulava-se, por meio do G7, para combater os fogos na Amazônia, ao passo que o segundo não só recusou a ajuda, como ofendeu o homólogo. Em grande parte, a troca de acusações entre os dois líderes ocorreu pelo *Twitter*. No cenário nacional, ressaltou-se o embate entre o presidente brasileiro e os governadores da Amazônia Legal, pois os segundos estavam receptivos à ajuda financeira internacional.

As acusações de Bolsonaro, endossadas pelo então vice-presidente Hamilton Mourão, de que as ONGs e os produtores rurais da Amazônia eram os responsáveis pelos incêndios; o discurso agressivo do presidente brasileiro nas 74<sup>a</sup> e 75<sup>a</sup> sessões da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU); os relatórios científicos que atestavam a gravidade do aumento das emissões de gás carbônico para o planeta; os projetos científicos brasileiros parados por falta de financiamento; e a campanha

em vídeo da associação Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, que questionou diretamente o governo Bolsonaro e a postura de líderes e consumidores europeus diante dos incêndios na Amazônia, consolidaram os quadros de conflito, no *Público*.

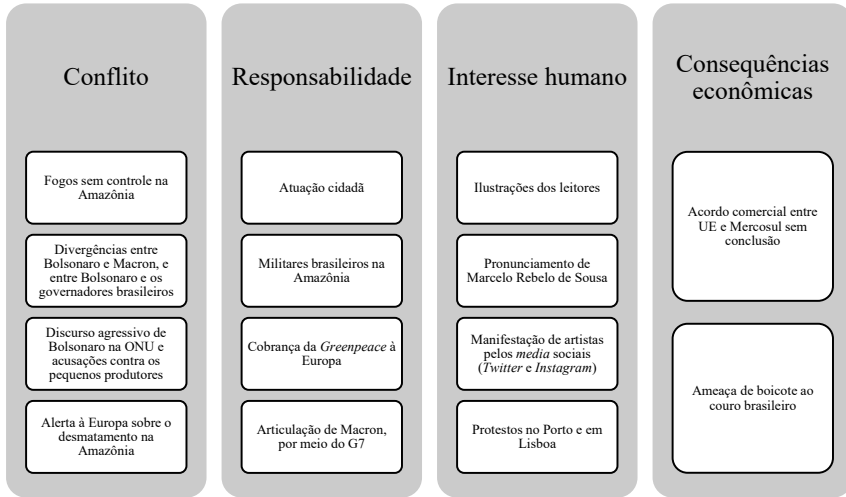
Os quadros de responsabilidade evidenciaram o que era possível ser feito, no âmbito da cidadania, para atenuar os incêndios florestais na Amazônia: assinar petições *on-line*, contribuir financeiramente com ONG, participar de protestos, reduzir o consumo de papel e madeira, bem como de óleo de soja de origem não certificada e de carne bovina. Destacou-se a ação dos militares brasileiros para combater o fogo na Amazônia, além do protesto do *Greenpeace*, que interveio em frente à sede do Parlamento Europeu, em Bruxelas. A iniciativa exigia que as lideranças europeias fossem mais incisivas com o presidente Jair Bolsonaro para que ele não só controlasse o fogo na Amazônia, como também desenvolvesse suas políticas com respeito ao ambiente. A articulação do presidente Macron durante a reunião do G7, em Biarritz, reforçou o quadro de responsabilidade, já que os incêndios se espalharam por vários países da Pan-Amazônia, ameaçando também a Guiana Francesa (território ultramarino francês).

Os quadros de interesse humano foram percebidos nas ilustrações produzidas pelos leitores do *Público* (Figura 2), que revelaram visões particulares sobre o “dia do fogo” na Amazônia, bem como no pronunciamento oficial do presidente português Marcelo Rebelo de Sousa; na manifestação dos artistas portugueses e internacionais pelo *Twitter* e pelo *Instagram* (em alguns casos, com imagens que não eram relacionadas ao “dia do fogo” na Amazônia); e nos protestos ocorridos no Porto e em Lisboa.

Figura 2 – Ilustrações enviadas pelos leitores ao *Público* acerca do “dia do fogo”.

Fonte: *Público*.

Por fim, os quadros de consequências econômicas alertaram para a possível não conclusão do acordo comercial entre a União Europeia (UE) e o Mercado Comum do Sul (Mercosul). Os representantes da Finlândia, Irlanda e França aproveitaram a situação para cobrar garantias claras de que o governo brasileiro tinha condições de controlar o fogo na Amazônia, bem como de mostrar respeito pela independência das agências científico-ambientais e pelos povos indígenas. Entretanto, parte dessa motivação visava proteger os produtores internos. Destacou-se ainda a possibilidade de empresas transnacionais boicotarem a compra do couro brasileiro, em decorrência da associação com o desmatamento na Amazônia.

Figura 3 – Enquadramentos sobre o “dia do fogo” produzidos pelo *Público*.

Fonte: Elaboração própria.

Não obstante os quatro tipos de quadros de sentido terem sido identificados em ambos os jornais, percebeu-se que predominaram os quadros de conflito, na *Folha de S. Paulo*, e os quadros de responsabilidade, no *Público*. Na seção seguinte, discutir-se-á o que essas construções discursivas revelam acerca do “dia do fogo” e das disputas de poder na Amazônia.

## Discussão dos resultados

Nos dois periódicos selecionados, foram identificados os quadros de sentido, conforme a tipologia proposta por Valkenburg *et al.* (1999): quadros de conflito, de responsabilidade, interesse humano e consequências econômicas. Contudo, ao comparar a Figura 1 e a Figura 3, percebeu-se que, no jornal brasileiro, foram mais elaborados os quadros de conflito; já no jornal português foram privilegiados os quadros de responsabilidade. Em diálogo com o posicionamento teórico que assumimos, consideramos que essa diferença pode ser compreendida a partir da ambiência sócio-histórica e cultural em que cada jornal se

insere (DE VREESE, 2005; ENTMAN, 1993; SCHEUFELE, 1999; VAN GORP, 2010), bem como da experiência dos jornalistas (FRANÇA, 2002; GOFFMAN, 1974) envolvidos na cobertura do “dia do fogo”. Igualmente, assumimos que ambos os periódicos traduzem um olhar “estrangeiro” (PAES LOUREIRO, 1995) sobre o problema em análise – ou seja, estão geográfica e emocionalmente distantes, ao contrário do que se poderia esperar da *Folha de S. Paulo* que, à partida, cumpriria o valor-notícia da proximidade.

Como se verá adiante, a diferença entre os quadros de sentido pode ser elucidada a partir de um critério, segundo o qual, para o jornal brasileiro, o “dia do fogo” efetivamente evidenciou (do ponto de vista editorial) um assunto “nacional”, enquanto para o jornal português o assunto foi “internacional”. Compreendeu-se que tenha sido preponderante o quadro de conflito para a *Folha de S. Paulo*, no sentido em que esse acontecimento/problema acionou, reforçou e prolongou a tensão sociopolítica mais vasta que atravessava o país. Isso não significa que a dimensão política estivesse ausente do quadro de responsabilidade traçado pelo *Público*, no entanto surgiu associada a um contexto geopolítico internacional, em que a Amazônia é tratada como um tópico universal, que diz respeito a todos e que é responsabilidade de todos. Em outras palavras, um território simbolicamente apropriado de forma universal.

Tomando por referência um indicador meramente quantitativo – o número de textos publicados por jornal – a discussão complexifica-se, já que temos sensivelmente o mesmo número (uma a mais no *Público* – 61). Poderá significar, como argumentamos adiante, que a relevância dada aos assuntos da Amazônia pelo jornal brasileiro não é superior ou qualitativamente diferente da que é dada pelo jornal português – o mesmo olhar “estrangeiro”. Por outro lado, pode se argumentar que os números se aproximam porque os assuntos relativos à Amazônia suscitam interesse internacional e, no caso específico do Brasil, há um interesse particular por parte de Portugal (essa argumentação poderá ser desafiada, naturalmente, trazendo para a comparação outros periódicos de ambos os países e de outras zonas geográficas).



Nesta matéria recorremos a Wu (2000) e Sakurai (2017), que identificam como determinantes (externos) sistêmicos do fluxo internacional de cobertura jornalística o poder econômico e político: quanto maior o poder político e econômico percebido de um determinado país, maior a probabilidade de ser representado na produção noticiosa de outro. Atestar essa possibilidade no caso em estudo implicaria avaliar a interação econômica entre Portugal e Brasil e determinar quão relevante é para os portugueses essa relação. Entretanto, a economia como determinante não se limita à balança comercial: há que considerar o custo de produzir notícias internacionais (WU, 2000) ou geograficamente distantes (mesmo que se trate do mesmo país). Percebe-se, assim, que as agências noticiosas (a dimensão da sua presença em cada país) surgem, há mais 20 anos, como o segundo maior preditor, ao tornarem disponíveis determinados temas e determinadas fontes de informação (WU, 2000).

A premissa – a que já aludimos – de que a sociedade luso-brasileira vê a Amazônia como estrangeira, pareceu se confirmar, dadas as práticas e rotinas dos periódicos. Na *Folha de S.Paulo*, Phillippe Watanabe foi quem mais produziu textos sobre o caso, porém o jornalista jamais esteve nos locais afetados pelos incêndios florestais. O jornal brasileiro possui um correspondente no estado de Manaus, o jornalista Fabiano Maisonave – que foi o autor do primeiro texto a ser publicado sobre o caso. De maneira geral, as informações coletadas por Maisonave foram compartilhadas com a sede da redação, em São Paulo, e cruzadas com dados obtidos por meio de outras fontes, a exemplo das instituições científicas e do Inpe. Os quadros de conflito foram construídos a partir de um entendimento mais amplo do cenário nacional e internacional. Em decorrência das limitações das suas atividades (o jornalista trabalha com a apuração das informações brutas em campo, ou seja, percorre a Amazônia em busca de dados que a redação, em São Paulo, não consegue obter), compreende-se que Maisonave não tenha sido o principal jornalista do caso, não obstante sua contribuição tenha sido definidora no enquadramento da *Folha de S.Paulo*.

As rotinas de produção jornalística do periódico brasileiro consolidaram sobretudo os quadros de conflito sobre o “dia do fogo”, visto que, em decorrência da ênfase a certas expressões (“as queimadas de agosto”, “crise internacional” e “noite na cidade de São Paulo”) e do uso recorrente de imagens de satélite (que indicaram os pontos de calor na Amazônia) e de gráficos (que registraram anualmente o total de incêndios florestais), foi possível perceber que o desmatamento na Amazônia estava a ser impulsionado por fatores antrópicos – diferente do que afirmava o presidente Bolsonaro. No entanto, a mesma dinâmica corroborou o olhar estrangeiro, pois Watanabe, que lida com o jornalismo científico-ambiental desde o começo da sua vida profissional, jamais esteve na Amazônia. Na verdade, a experiência do jornalista é com dados científicos sobre questões ambientais, o que é um *background* essencial: interpretar dados é muito relevante, principalmente quando se trata de jornalismo científico. Porém, o contato com o mundo físico (marca identitária da reportagem jornalística) é o que dá vida aos números e aos relatórios científicos. Segundo o próprio Watanabe, o jornalista não julga necessário sair de São Paulo para compreender a importância e a complexidade dos problemas ambientais, além de haver mais segurança e infraestrutura na sede da redação.

Ao que tudo indica, a floresta amazônica ainda é vista como um território a ser desbravado – isolado e com identidade própria (PAES LOUREIRO, 1995). Segundo o secretário de redação Vinícius Mota (que admite que a audiência da *Folha de S. Paulo* não está na Amazônia), são elevados os custos para se fazer jornalismo nessa parte do Brasil. Para reduzir as despesas, o jornal tenta manter correspondentes pelo país. No caso do “dia do fogo”, o trabalho dos correspondentes refletiu-se particularmente nos quadros de interesse humano, pois se enfatizou as consequências do suposto crime ambiental para os povos indígenas e para o jornalista Adécio Piran. Ainda consoante a lógica “custo-benefício”, o periódico brasileiro procura estabelecer parcerias, em especial para a aquisição de imagens. No caso em estudo, a maior parte das fotografias foi fornecida pela agência de notícias *Reuters*. A Figura 4, por

exemplo, foi utilizada repetidamente nos textos. Entre os sentidos possíveis, o contraste entre o claro e o escuro reforça o quadro de conflito, ou seja, a oposição entre os alegados criminosos (apoiados pelo presidente Jair Bolsonaro) e os defensores da floresta amazônica – pois o fogo invade um local que não lhe é natural e não cessa até queimar tudo, adentrando a noite.

Figura 4 – A Agência *Reuters* forneceu a maior parte das fotografias sobre o “dia do fogo”.



Fonte: *Folha de S.Paulo*.

No *Público*, apesar de o periódico dispor de jornalistas especializados em questões ambientais, o caso foi repercutido pela editoria internacional, na altura denominada “Mundo”, sem acioná-los. A maior parte dos textos sobre o “dia do fogo” foi assinada de maneira genérica (“PÚBLICO”) e/ou pela agência de notícias Lusa, já que o *Público* não enviou um jornalista ao local do acontecimento. De acordo com o jornalista Ricardo Cabral Fernandes, que trabalhou temporariamente no periódico entre junho de 2019 e agosto de 2020, isso ocorreu porque havia muitos

jornalistas de férias no período dos incêndios florestais. Na avaliação de Cabral Fernandes, em decorrência da falta de acontecimentos particulares em Portugal e das férias de verão, foi possível repercutir o caso a distância, sem a necessidade de reorganizar a equipe ou de realocar os jornalistas especializados em ambiente – o que fortaleceu a construção dos quadros de responsabilidade e de interesse humano. Deve-se registrar que, no mesmo período, houve incêndios florestais em Portugal, contudo a dimensão e o alegado viés criminoso do “dia do fogo” pode ter sido a razão para que o caso brasileiro tenha sido mais explorado pelo *Público*. Em outras palavras, tratou-se de um processo de construção noticiosa marcado pela dependência de informação de agências (WU, 2000) e, do ponto de vista organizacional, por decisões de alocação de recursos, no contexto em que são escassos (KIM, 2003).

Apesar de o noticiário internacional ser caro ao *Público*, o investigador e jornalista Joaquim Fidalgo (que participou de forma ativa da fundação do periódico) corrobora que, tradicionalmente, não há uma orientação editorial no sentido de dar atenção particular ao que se passa na ex-colônia portuguesa, tampouco à periferia do Brasil, onde se localiza a floresta amazônica. Ao jornal interessa mais o que se passa nos demais centros europeus e nos Estados Unidos da América. A crescente imigração brasileira<sup>4</sup> em Portugal certamente leva o periódico a noticiar mais o Brasil na contemporaneidade, mas ainda sem o necessário entendimento sócio-histórico.

Essa avaliação parece ir ao encontro da perspectiva de Sakurai (2017), que reconhece a relevância dos aspectos culturais no fluxo de notícias internacionais – nomeadamente a partilha de uma “língua” e os “laços coloniais” –, porém argumenta que essas dimensões acabam por diluídas pelos determinantes mais preponderantes: o interesse econômico, o fator político e o interesse das agências noticiosas. Isso poderá explicar a percepção de que ao *Público* interessa mais o contexto

4 Dados de 2022 do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras apontam que, dos 781.915 imigrantes regulares em Portugal, os brasileiros representam a maior comunidade: 239.774 pessoas (30,7% do total de estrangeiros). Ver: <https://www.sef.pt/pt/Documents/RIFA2022%20vF2a.pdf>.

ARTIGO

européu. Adicionalmente, “o domínio das ‘Big Four’ agências de notícias [AP, UPI, AFP e Reuters] permite que os Estados Unidos, a França e a Grã-Bretanha estabeleçam as suas esferas hegemônicas de influência internacional” (SAKURAI, 2017).

Percebeu-se o pouco aprofundamento do caso no *Público* pelas repetições genéricas, como “a Amazônia é a maior floresta tropical do mundo e possui a maior biodiversidade registada numa área do planeta” (LUSA; PÚBLICO, 2019), bem como pelos equívocos, a exemplo da metáfora da Amazônia como “pulmão do mundo”. Conforme Oliveira (1991), a origem dessa visão errônea remonta a uma entrevista concedida pelo biólogo alemão Harald Sioli, em 1971, na qual o repórter trocou o símbolo do gás carbônico (CO<sub>2</sub>) pelo do oxigênio (O<sub>2</sub>). O que deveria ser absorção do primeiro foi entendido como a absorção do segundo. Assim, a Amazônia passou a ser o “pulmão do mundo”, porém o potencial da floresta é de fixar gás carbônico, logo a associação correta deveria ser “filtro do mundo”. O olhar de um jornalista especializado certamente ajudaria a evitar a propagação de entendimentos menos precisos, do ponto de vista científico.

Cada um a seu modo, *Folha de S.Paulo* e *Público* reconheceram a importância da Amazônia no freio às alterações climáticas, porém os esforços para se compreender o bioma para além das suas características naturais esbarraram nos custos econômicos. É importante que sejam evidenciadas as forças desiguais que atuam na construção social dos problemas ambientais. A voz deste outro que está distante física e temporalmente dos grandes centros político-econômicos do Brasil e da Europa tem menos visibilidade no diálogo social, ou seja, não é o centro do assunto. Neste estudo de caso, percebeu-se que o lado social da Amazônia (isto é, as pessoas que lá vivem e que provavelmente são as mais vulneráveis aos crimes ambientais) foi apresentado pela via do “interesse humano”, isto é, pelos lugares mais periféricos, do ponto de vista do enquadramento.

## Conclusões

O artigo objetivou identificar quais foram os quadros de sentido sobre o “dia do fogo” construídos por dois periódicos de diferentes geografias – *Público* e *Folha de S. Paulo* – e compreender de que maneira a experiência dos jornalistas contribuiu para o processo de enquadramento. Isso para perceber, de maneira mais ampla, o olhar luso-brasileiro (com as devidas limitações e sem generalizações) sobre a Amazônia. Em ambos os jornais, reconheceram-se quadros de conflito, de responsabilidade, de interesse humano e de consequências econômicas. As práticas e as rotinas de trabalho, bem como o envolvimento dos jornalistas no caso, contribuíram para a consolidação de dois olhares estrangeiros sobre a Amazônia – ainda que, do ponto de vista editorial, o caso tenha sido tratado de forma “nacional” pela *Folha de S. Paulo* e de forma “internacional” pelo *Público*.

Para o jornal brasileiro, os correspondentes e os parceiros (por exemplo, as agências de notícias) foram estratégicos para diminuir as despesas da produção jornalística nessa parte do Brasil, da mesma forma que a experiência do principal jornalista envolvido no “dia do fogo” (Watanabe) contribuiu para que se revelasse a tensão político-econômica e internacional – não apenas ambiental – desencadeada pelo governo Bolsonaro. Já para o jornal português, as agências de notícias foram igualmente essenciais (sobretudo a Lusa), considerando a escassez de recursos para deslocar correspondentes para a Amazônia. Porém, seria necessária alguma organização editorial para entender as nuances político-econômicas e sociais em torno da floresta amazônica – o que poderia evitar a repetição de equívocos tradicionais, como a metáfora do “pulmão do mundo”.

De maneira concreta, este trabalho contribui para os estudos de *media* e jornalismo em três aspectos. O primeiro refere-se ao campo profissional, pois se percebeu que a produção de notícias, principalmente aquelas que envolvem locais de difícil acesso, como a Amazônia, está diretamente relacionada aos determinantes organizacionais (internos aos periódicos). Contudo, há um diferencial que recai sobre a experiência dos jornalistas – tanto que o *Público* foi capaz de chamar a atenção para

o “dia do fogo” apesar de aparentemente estar mais limitado (em termos de recursos) do que a *Folha de S. Paulo*. Isso mostra que os problemas públicos tendem a ser melhor investigados e comunicados quanto mais bem treinados forem os profissionais – o que implica não apenas melhor qualificação (inicial, mas também em serviço), como melhor remuneração bruta e recursos financeiros adequados (o que se traduz em tempo para investigar, fundos para deslocações ao terreno etc.). A questão foge ao escopo deste trabalho, todavia sinaliza para investigações futuras.

O segundo aspecto reside na esfera teórico-metodológica, visto que se demonstrou a aplicabilidade da análise de enquadramento, como técnica discursiva, na compreensão de fenômenos empíricos complexos. É possível utilizá-la isoladamente, como neste estudo, ou em conjunto com outras técnicas qualitativas, a exemplo da análise narrativa. Deste segundo aspecto decorre a terceira contribuição do trabalho, que é a social. Ao se identificar os quadros de sentido sobre o “dia do fogo”, bem como ao se compreender o processo de enquadramento pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *Público*, evidenciaram-se os graves problemas na gestão da Amazônia – tanto do ponto de vista interno, quanto do ponto de vista enquanto território universalmente apropriado.

Para a sociedade luso-brasileira, as questões do bioma não se restringem ao Brasil, até porque as emissões de gás carbônico (decorrentes do desmatamento) afetam todo o planeta. Por isso, existe a expectativa – nomeadamente por parte da comunidade internacional – de que o líder máximo do país que abriga boa parte da maior floresta tropical do mundo adote posicionamentos e políticas condizentes com essa responsabilidade, não apenas no controle de uma crise ambiental, mas sobretudo no verdadeiro comprometimento com o desenvolvimento sustentável. Ao evidenciar a maneira como o desempenho do presidente Jair Bolsonaro (no caso do “dia do fogo”) não só não foi ao encontro dessa expectativa, como se posicionou num quadro de conflito, este trabalho reforça o papel do jornalismo como pilar da democracia (só cidadãos informados terão capacidade de fazer escolhas informadas e

em liberdade), enquanto *watchdog*, e garante da prestação de contas por parte do poder político.

## Referências

- BARLOW, Jos; BERENQUER, Erika; CARMENTA, Rachel; FRANÇA, Filipe. Clarifying Amazonia's burning crisis. *Global Change Biology*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 319-321, 2020. DOI: 10.1111/gcb.14872.
- BECKER, Bertha K. *Amazônia*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- CARLSON, Matt; ROBINSON, Sue; LEWIS, Seth C.; BERKOWITZ, Daniel A. Journalism studies and its core commitments: The making of a communication field. *Journal of Communication*, [S. l.], v. 68, n. 1, p. 6-25, 2018. DOI: 10.1093/joc/fjx006.
- CARVALHO, Manuel; DÁVILA, Sérgio. Carta aos leitores do PÚBLICO e da Folha de S. Paulo. *Público*, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/07/09/opiniao/editorial/carta-leitores-publico-folha-spaulo-1923602>.
- COLEMAN, Renita. Framing the pictures in our heads: exploring the framing and agenda-setting effects of visual images. In: D'ANGELO, Paul; KUYPERS, Jim A. (org.). *Doing News Framing Analysis: Empirical and Theoretical Perspectives*. New York: Routledge, 2010.
- DE VREESE, Claes H. News framing: theory and typology. *Information Design Journal*, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 51-62, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/idjdd.13.1.06vre>.
- ENTMAN, Robert M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, [S. l.], v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993. DOI: 10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. Discurso de identidade, discurso de alteridade: a fala do outro. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga (org.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 27-43.
- FRASER, Márcia Tourinho Dantas; CONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia* (Ribeirão Preto), [S. l.], v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004. DOI: 10.1590/s0103-863x2004000200004.
- GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Hanover; London: University Press of New England, 1974.
- KIM, Kyungmo. Organizational Determinants of International News Coverage in Korean Newspapers. *Gazette* (Leiden, Netherlands), [S. l.], v. 65, n. 1, p. 65-85, 2003. DOI: 10.1177/0016549203065001139.
- LINSTRÖM, Margaret; MARAIS, Willemien. Qualitative news frame analysis: a methodology. *Communitas*, [S. l.], v. 17, p. 21-37, 2012.
- LUSA; PÚBLICO. A Amazônia está a arder □ e já se vê do espaço. *Público*, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/08/21/mundo/noticia/amazonia-bioma-afetado-incendios-brasil-1883965>.
- MAISONNAVE, Fabiano. Em “dia do fogo”, sul do PA registra disparo no número de queimadas. *Folha de S.Paulo*, Manaus, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol>.



com.br/ambiente/2019/08/em-dia-do-fogo-sul-do-pa-registra-disparo-no-numero-de-queimadas.shtml.

NEVEU, Erik; QUÉRÉ, Louis; LIBBRECHT, Liz. The age of events. The spume of history or an information master-frame? *Réseaux. The French journal of communication*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 9-25, 1997. DOI: 10.3406/reso.1997.3320.

OLIVEIRA, Ney Coe De. Amazônia, pulmão do mundo? *Revista Conjuntura Econômica*, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 14, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/article/view/55274/0>.

OROZCO, Guillermo; GONZÁLEZ, Rodrigo. Una coartada metodológica: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Tintable, 2012.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.

PAN, Zhongdang; KOSICKI, Gerald M. Framing analysis: an approach to news discourse. *Political Communication*, [S. l.], v. 10, p. 55-75, 1993. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10584609.1993.9962963>.

PAUL, Subin; BERKOWITZ, Dan. Social Construction of News. In: VOS, Tim P.; HANUSCH, Folker (org.). *The International Encyclopedia of Journalism Studies*. [S. l.]: John Wiley & Sons, Inc., 2019. p. 1-6. DOI: 10.1002/9781118841570.iejs0030.

SAKURAI, Takuya. Cultural Factors in the Flow of International News: A Review of the Literature. *SHS Web of Conferences*, [S. l.], v. 33, p. 00008, 2017. DOI: 10.1051/shsconf/20173300008.

SCHEUFELE, Dietram A. Framing as a theory of media effects. *Journal of Communication*, [S. l.], v. 49, n. 1, p. 103-122, 1999. DOI: 10.1111/j.1460-2466.1999.tb02784.x.

SCHEUFELE, Dietram A.; TEWKSBURY, David. Framing, agenda-setting and priming: the evolution of three media effects models. *Journal of communication*, [S. l.], v. 57, n. 1, p. 9-20, 2007. DOI: [https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00326\\_5.x](https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2006.00326_5.x).

VALKENBURG, Patti M.; SEMETKO, Holli A.; DE VREESE, Claes H. The effects of news frames on readers' thoughts and recall. *Communication Research*, [S. l.], v. 26, n. 5, p. 550-569, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1177/009365099026005002>.

VAN GORP, Baldwin. Strategies to take subjectivity out of framing analysis. In: D'ANGELO, Paul; KUYPERS, Jim A. (org.). *Doing news framing analysis: empirical and theoretical perspectives*. New York: Routledge, 2010.

VLIEGENTHART, Rens; VAN ZOONEN, Liesbet. Power to the frame: Bringing sociology back to frame analysis. *European Journal of Communication*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 101-115, 2011. DOI: 10.1177/0267323111404838.

WU, H. Denis. Systemic Determinants of International News Coverage: A Comparison of 38 Countries. *Journal of Communication*, [S. l.], v. 50, n. 2, p. 110-130, 2000. DOI: 10.1111/j.1460-2466.2000.tb02844.x.

## Sobre autores

*Thaís Braga* - Universidade do Minho. Doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (Portugal). Investigadora colaboradora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.. E-mail: thaíslcbraga@gmail.com. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2505-7367>.

*Sandra Marinho* - Universidade do Minho. Doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (Portugal). Docente no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho e investigadora associada do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. E-mail: marinho@ics.uminho.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2013-229X>

---

Data de submissão: 10/10/2023

Data de aceite: 12/05/2024